

Um modelo visitado da arquitetura chã: as igrejas de São Miguel nos Açores

Innovative Architectural Practices in Low-density Territories Civil

Introdução

O presente estudo pretende enquadrar a Arquitetura Religiosa dos Açores na historiografia nacional, uma vez que ao longo da investigação “*Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728-1882)*” [1], apercebemo-nos da carência de estudos científicos e de peças gráficas. Apesar da diversidade de cronistas das várias épocas, que refletem a temática da arquitetura religiosa nos Açores, estes incidem apenas na contextualização e caracterização histórica do edifício.

Assim, este estudo vem dar continuidade ao trabalho de investigação [1] que expõe uma análise às fachadas principais das igrejas católicas paroquiais e não-paroquiais dos Açores, construídas nos séculos XVIII e XIX evidenciando a existência de uma tipologia de fachada, através das suas semelhanças.

Como bem elucida Senos [2], existe uma historiografia da arquitetura chã portuguesa antes e depois de George Kubler, que tem vindo a ser debatida formalmente e informalmente entre várias figuras [2], [3], [4], [5] no panorama historiográfico nacional.

Kubler [6] colmata um vazio da História de Portugal, balizado entre a exuberância do “estilo manuelino”, do reinado de D. Manuel, e o faustoso “joanino”, do reinado de D. João V, criando e definindo um estilo, designado de “*arquitetura chã*”, caracterizado por edifícios de formas austeras, exteriores racionais e sóbrios, com proporções evidentes, de clareza, de ordem e de simplicidade, sendo reconhecido como uma arquitetura vernacular. Assim Kubler ao criar esta categoria de “*arquitetura chã*”, selecionou um conjunto de igrejas através das suas tendências arquitetónicas, tornando-as visíveis aos olhos da historiografia [2].

A metodologia adotada nesta investigação resume-se nos seguintes pontos: 1) Análise dos contributos dos diferentes autores sobre o tema em estudo; 2) Recolha de documentação em arquivos históricos; 3) Observação direta das igrejas em estudo; e 4) Análise dos desenhos e fotografias das igrejas para compreensão das mesmas.

Contextualização historiográfica

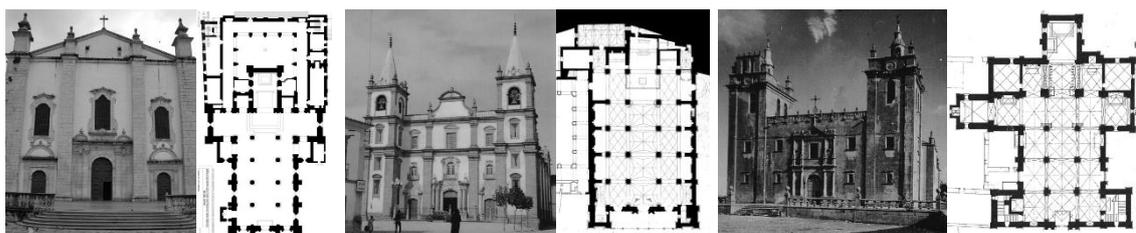


Figura 1 - Catedral de Leiria (esquerda), Catedral de Portalegre (centro) e Catedral de Miranda do Douro (direita)
Fonte: [7] FOTO.00799816; DES.02002747; FOTO.00167988; DES.00002136; FOTO.00045702; DES.00005267

Esta pós-kublerliana historiografia permitiu destacar um conjunto de igrejas que dantes não estava inserido numa categoria/estilo. Pelo facto de abranger um longo período histórico em que paralelamente na historiografia europeia decorria o renascimento, o maneirismo e o barroco, este novo estilo da arquitetura chã desperta-nos para um estudo que necessita de novos aperfeiçoamentos e afunilamentos, uma vez que todos os edifícios enumerados por Kubler dificilmente podem usar a mesma categoria atendendo às suas características [2].

Kubler [6] mostra as várias aplicabilidades da arquitetura chã ao longo deste vazio histórico através das igrejas-salão, das igrejas com algumas simplificações e influências palladianas e de decoração flamengas e italianas, e das igrejas anteriores e posteriores à restauração.

O primeiro ensejo da “*arquitetura chã*” é através das igrejas-salão, conceção espacial mais unificada, simples e económica baseada num modelo anterior e arcaizante de igrejas góticas

medievais, cuja planta se apresenta tripartida, com pilares que sustentam um sistema estrutural de armação de abóbodas simples sem contrafortes complicados. Assim, este esquema reúne a estrutura medieval e romana. Em Portugal começa-se a construir igrejas-salão de arquitetura chã entre 1550 e 1570, dentro das quais se destacam três catedrais (Leiria, Portalegre e Miranda do Douro), cinco igrejas paroquiais (Estremoz, Monsaraz, Évora, Olivença e Veiros) e duas Misericórdias (Beja e Santarém), sendo comum a estas igrejas o despojamento ornamental e a estrutura simples, mas ricas nas suas proporções de desenho [6].

De seguida com idêntica espacialidade tripartida, aparecem igrejas de três naves e coberturas em madeira ao mesmo nível, com algumas influências palladianas quer nos elementos presentes na fachada quer na planta, nomeadamente na ornamentação, com os pórticos palladianos, na aplicação do duplo frontão, na arcaria flanqueada por vãos retangulares na fachada, no frontispício ladeado por duas volumosas torres quadrangulares e na implementação do nártex [6]. Exemplos notáveis desta influência são as igrejas paroquiais de Santa Maria em Setúbal e de Nossa Senhora de Atalaia em Fronteira (Alentejo), bem como a igreja de São Domingos em Benfica (Lisboa) que apresenta também influências venezianas.

Para além destas influências, no decorrer dos tempos, outros exemplos vão surgindo com influências de decoração flamenga e italiana, onde gradualmente a ornamentação medieval é substituída pela ornamentação clássica, onde se destaca o papel disseminador da Companhia de Jesus, com a introdução de uma nova tipologia espacial unificada, nomeadamente, as igrejas criptocolateral e nave-sala, onde se destacam as igrejas do Espírito Santo em Évora, de São Roque em Lisboa, de Nossa Senhora da Luz em Carnide (Lisboa), da Serra do Pilar em Vila Nova de Gaia, de São Salvador em Grijó, e a igreja da ordem dos Agostinhos em Moreira da Maia.

Sob o domínio espanhol a inserção de influências italianas e espanholas foi maior na arquitetura portuguesa [6]. Contudo manteve-se o modo de fazer a tradição arquitetónica nacional, vejam-se as igrejas de São Vicente de Fora, da Misericórdia de Coimbra e de Santo Antão-o-Novo de Lisboa.

Após a retoma da independência de Portugal, novas obras foram lançadas para imprimir um novo alento à arquitetura portuguesa, através de inúmeras obras particulares e públicas, onde se destaca a arquitetura religiosa, nomeadamente conventual, sendo as ordens religiosas novamente impulsionadoras, as dos Beneditinos e dos Jesuítas. Nesta altura, surge uma nova caracterização do espaço da igreja com a noção de engrandecimento. Segundo Kubler [6] “(...) cedo transformaram a casa de oração medieval em palácio do Senhor, acessível através do arco triunfal e focalmente organizado para fixar a atenção no culto (...)”. Ilustram estas novas igrejas os exemplos das igrejas de São Bento em Coimbra, do Hospital do Desterro, de São Bento da Vitória no Porto, dos Carmelitas no Porto, de Tibães em Braga, a Sé Nova em Coimbra, de São Lourenço no Porto e de São João Novo no Porto. Neste conjunto de construções as diferenças entre a composição das fachadas das igrejas dos Jesuítas e dos Beneditinos, estão nos motivos mais ou menos sacro e palacianos.

Na década de 1620, uma nova manifestação de fachada de igreja surge em Portugal, semelhante às grandes casas nobres com numerosas janelas, onde o frontão mais ou menos decorado assinala o seu carácter sacro, dentro das quais se destacam a igreja de São João Batista de Abrantes, de São Francisco de Tomar e de São João Evangelista, em Coimbra (Convento de Lóios), ou então com carácter mais residencial, como é o caso da igreja Jesuíta de Portimão e da de Santarém.

Depois da Restauração, a partir de 1640, e após um período marcado pela ausência de grandes obras, surgem, em oposição, obras de carácter suntuoso, onde a espacialidade mantém-se nas igrejas criptocolaterais, só que agora a sua ornamentação interior e exterior apresenta a mesma linguagem de simplicidade intensificando o seu carácter de austeridade, como é o caso das igrejas dos Agostinhos (Basílica da Família Bragança), do Carmo em Évora e da conventual de Santa Clara-a-Nova em Coimbra. Nesta altura é novamente reintroduzida a planta centralizada, e começam a surgir as primeiras experiências espaciais de inauguração do barroco, com as igrejas de Santa Engrácia em Lisboa, de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Belém, Lisboa, de Nossa Senhora da Piedade em Santarém e de Jesus da Cruz em Barcelos. Braga é palco de várias igrejas do final do séc. XVII que apresentam ornamentos nas suas fachadas de influência espanhola, que por sua vez têm influência do barroco italiano, noutras verifica-se um camuflar da fachada austera. Procedeu-se assim a partir de 1680 a um afastamento das construções austeras que caracterizaram o século XVII. Horta Correia [3] pretende aprofundar o estudo de Kubler, tomando este como ponto de partida e aperfeiçoando-o. Neste sentido, Correia defende que em Portugal no período balizado entre os séculos XVI e XVIII, houve espaço para vários movimentos artísticos, (renascimento, maneirismo incluindo arquitetura chã) onde estes movimentos não podem ser entendidos como realidades

autónomas, mas como movimentos mais ou menos dominados por tendências da arquitetura nacional de expressão chã.

Deste modo, aos olhos de Horta Correia [3] a primeira vaga de “arquitetura chã” reflete-se nas igrejas-salão com sistema de cobertura em abóbadas nervuradas, construídas a partir de 1550, através das catedrais de Miranda do Douro, Leiria e Portalegre, que apresentam um programa espacial ensaiado no período manuelino e de raiz medieval. A partir destes primeiros exemplares serão desenvolvidas as igrejas paroquiais com dimensões mais modestas, situadas sobretudo no Alentejo. Relativamente às igrejas-salão de planta longitudinal temos os casos das igrejas de Nossa Senhora da Luz de Tavira, de Santa Maria de Beja, de Santo Antão de Évora, de Veiros, de Alcáçovas, da Misericórdia de Santarém e de São Tiago de Beja e ainda as de planta quadrada, com as igrejas de Santa Maria em Estremoz, de Nossa Senhora da Lagoa em Monsaraz e de Santa Maria do Castelo em Olivença. É a partir deste conjunto de edifícios que se pode estabelecer as obras originais e réplicas, uma vez que se inicia um processo de standardização no período sebástico.

É nesta época que se destaca a figura de Miguel de Arruda (data de nascimento desconhecida -1563) a quem se atribui grande parte da autoria destes exemplares. Este é também um dos possíveis iniciadores desta nova série de igrejas-salão, onde se estabelece uma ligação entre as igrejas, a arquitetura utilitária, e a militar [3].

Outra fase da “arquitetura chã” são as igrejas de tipologia de três naves com telhado único em madeira, sobretudo nas regiões do centro e sul do país, mais concretamente na Estremadura e no Algarve, que apresentam um programa espacial modificado a partir das igrejas góticas mendicantes onde se inicia uma nova espacialidade à moda renascentista [3].

Nesta outra vaga de “arquitetura chã”, o programa espacial também apresenta o seu carácter de standardização sendo introduzida a autonomia da fachada com tratamentos palladianos e serlianos. Exemplos desta aplicabilidade são as igrejas de Santa Maria da Graça em Setúbal, de Santa Catarina dos Livreiros em Lisboa e da Misericórdia em Tavira.

A superação da tipologia de espacialidade tripartida das igrejas-salão e das igrejas de três naves só se faz com a criação de uma nova tipologia de igrejas de espaço unificado, com as igrejas de nave única com capelas intercomunicantes, reminiscência da igreja tardo medieval de São Francisco em Évora, amplamente difundida no território nacional, graças à ação pedagógica dos Jesuítas, com os primeiros exemplos das igrejas de São Roque em Lisboa e do Santo Espírito em Évora [3].

Em áreas de grande tradição ornamentalista, como é o caso das edificações em Coimbra, parte do maneirismo é conjugado, ou não, com tendências construtivas da “arquitetura chã” e caracteriza-se sobretudo pela sua influência flamenga, onde este decorativismo flamengo aparece associado ao gosto parcelar de arquitetos ou encomendadores, veja-se o caso da igreja da Luz, do transepto dos Jerónimos e da antiga Capela do Espírito Santo da atual Igreja da Conceição Velha.

No decorrer dos tempos e aquando do domínio filipino em território nacional, a tipologia é idêntica àquela já implementada no território português através da ação dos Jesuítas. No entanto, irá receber através de Juan de Herrera (1530-1597) a primeira grande influência do maneirismo romano de Vignola (1507-1573) e a influência de Paládio (1508 -1580) sob a forma de herrerianismo, onde o principal exemplar é a igreja de São Vicente de Fora.

Todavia, apesar das influências italianas, espanholas e flamengas é sobretudo com o trabalho de artistas portugueses, tendo como figura principal Baltasar Álvares (1560-1630), que durante o reinado dos filipes se dá continuidade à escola de arquitetura nacional com os dois modelos nacional e romano de igrejas de nave única amplamente difundidos pelas ordens religiosas, nomeadamente pela Companhia de Jesus com as igrejas de Santo Antão e de Coimbra, atual Sé Nova.

Mas para além da ação construtiva na expansão dos Jesuítas outras ordens religiosas procedem às transformações das suas igrejas através da reconstrução dos seus mosteiros medievais, como é o caso dos beneditinos e dos carmelitas, destacando-se a igreja de São Bento da Vitória. Estes exemplos acabam por ser análogos uns aos outros com diferenciação na ornamentação e nas soluções construtivas peculiares próprias dos valores e princípios de cada ordem [3].

A última síntese da “arquitetura chã” é a arquitetura da Restauração a partir de 1640, com suporte nos exemplos mencionados anteriormente. Caracterizada pelo gosto mais austero e vernacular do que o da era filipina, marcada pelas crises económico-sociais, inspirando-se em modelos ou protótipos anteriores a 1580, mas com uma necessidade de se demarcar da anterior governação e assinalar o cunho português [3]. Neste sentido, teremos os exemplos das igrejas de Santo Agostinho em Leiria, do Carmo em Évora, de São João Baptista em Angra do Heroísmo, de Nossa Senhora da Conceição de Atougia da Baleia, de Nossa Senhora da Piedade de Santarém, de Santa Clara-a-Nova

em Coimbra, de Santa Helena do Monte Calvário em Évora e as igrejas jesuítas de Portimão e de Santarém.

Com o decorrer dos tempos as tipologias de espaço e de estética persistiram no território nacional através de alguns clãs ou dinastias de arquitetos, com uma aprendizagem familiar que facilitou a durabilidade e a consciência desta “escola” de arquitetura chã portuguesa [3].

Deste modo, é oferecida uma resistência passiva à introdução do barroco na arquitetura portuguesa, com a reintrodução, de uma tipologia de plano centralizado, pelo arquiteto João Antunes (1643-1712), inspirada em protótipos nacionais anteriores a 1580, logo em valores transmitidos pela arquitetura chã, que se prolongam até finais do século XVII, tendo como primeiro e o mais emblemático exemplo a igreja de Santa Engrácia em Lisboa.

Em contrapartida, com o avançar dos tempos e dos estudos, a “arquitetura chã” tende a estreitar-se e conseqüentemente alguns dos exemplares estudados por Kubler já não podem estar inseridos nesta categoria, veja-se os exemplos dos estudos de Varela Gomes [4] e Senos [2].

Assim, Paulo Varela Gomes [4] apesar de reconhecer o merecido mérito da obra de Kubler, também demonstra as suas incongruências e a desatualização em alguns dados factuais, alertando que nem todos os exemplos de “arquitetura chã” apresentados por Kubler podem ter classificação de “chã”, como é o caso da “(...) arquitectura feita a norte do Mondego na segunda metade do século XVI (...)” ou dos “(...) edifícios ou partes de edifícios fortemente ornamentados construídos durante o século XVII” [4], como é o caso das igrejas jesuítas em Coimbra (Sé Nova de Coimbra) e em Santarém.

Neste sentido, Varela Gomes reúne os conceitos inerentes à “arquitetura chã” segundo a obra de Kubler, caracterizando-a com “(...) princípios sóbrios; formas arquitectónicas austeras; exteriores friamente racionais; requinte de proporções; clareza; ordem; simplicidade; qualidades arquitectónicas gravemente profundas e pesada expressão arquitectónica directa e simples num país pobre; perfis puristas; exteriores sóbrios de pilastras-contrafortes e paredes-cortina; arquitectura menos académica e mais vernacular que o “desornamentado” espanhol. Etc.” [4].

Similarmente, Varela Gomes, expõe que a “arquitetura chã” “(...) tem demonstrado que tais soluções coexistiram com outras bastante mais luxuosas e derivaram de propósitos culturais e construtivos muito específicos do ambiente romano da época” [4]. E que apenas um terço dos exemplares apresentados por Kubler se encaixam na referida classificação, como é o caso das catedrais de Leiria, Portalegre e Miranda do Douro, das igrejas paroquiais da Graça de Setúbal e das igrejas conventuais do Espírito Santo de Évora, de São Roque de Lisboa, e apenas pelo exterior a nova capela-mor dos Jerónimos, a igreja conventual dos Agostinhos de Vila Viçosa, a igreja conventual de Santa Clara-a-Nova de Coimbra e a igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso em Belém. Ou seja, Kubler despreza a descrição formal interior destes edificadados, anulando a presença dos azulejos e da talha como se fossem elementos independentes da arquitetura [4].

Em jeito de conclusão, Varela Gomes cita o argumento de Kubler dizendo que “todas as arquitecturas tem as suas arquitecturas ‘chãs’” [4] permitindo concluir que a “arquitetura chã” se verifica nas diferentes correntes artísticas.

Senos [2] patenteia pensamento idêntico ao de Varela Gomes [4], neste sentido, a “arquitetura chã” é caracterizada com valores de simplicidade, austeridade, depuramento, num carácter militar de acordo com as soluções construtivas utilizadas, destacando o papel do arquiteto Miguel de Arruda, onde é atribuída a este a autoria de alguns programas de igrejas-salão.

Segundo este autor [2], os exemplares que apresentam soluções de “arquitetura chã” são os já citados, as catedrais de Miranda do Douro, de Leiria e de Portalegre, e ainda as igrejas paroquiais de Santo Antão de Évora, e de Santa Maria do Castelo, em Estremoz e a igreja da Misericórdia de Santarém.

Apesar de se desconhecer os autores e cronologias destas igrejas, estas apresentam semelhanças nos projetos, mas com algumas variações, o que permite estabelecer relações de comparação e agrupá-las na categoria de “arquitetura chã”, cujo programa, no essencial se restringe às igrejas-salão com coberturas em abóbadas de ogiva e despojamento decorativo interior e exterior.

Senos [2] apela a este estudo inicial das igrejas chãs, alertando para o apuramento de dados factuais destas igrejas paralelamente com a arquitetura que se fazia fora do território nacional no mesmo período, bem como procurar entender se o “chão” é um estilo de uma arquitetura nacional, defendida por Kubler, ou se se inscreve numa reação anticlássica ou anti-italiana, que se verificou também noutros pontos da Europa.

No entanto a circunscrição da “arquitetura chã”, não fica apenas no território nacional, e segundo os estudos de Nestor de Sousa [5], após a implantação da expressão do gótico e do manuelino em

território insular, apesar da sua reduzida presença, com exemplares de matrizes góticas mendicantes portuguesas, com persistência até meados do século XVI, os Açores viveram experiências maneiristas e a afirmação da arquitetura chã.

Assim a arquitetura chã tem uma primeira representação na Sé de Angra cuja igreja apresenta um modelo espacial de três naves separadas por pilares, sem transepto e com coberturas planas de madeira para a totalidade das naves com altura ligeiramente desigual, entre as naves laterais e a nave central, apresentando um programa espacial e de proporções modificado a partir das igrejas góticas mendicantes. No entanto, a obra deste exemplar austero e de volumes simplificados estendeu-se pelo tempo até ao século XVII, atravessando vários “(...) compromissos híbridos de organização, simultaneamente arcaizantes e de erudita novidade italianizante.” [5].

Deste modo, antes da primeira vaga de arquitetura maneirista e chã, com igrejas de três naves, que teve início de execução na Sé de Angra, os jesuítas em Angra davam início à construção da sua nova igreja e com ela introduziam o plano de espaço unitário da arquitetura chã, colhido no modelo estabelecido pela Companhia em São Roque de Lisboa, mas com o hibridismo de uma fachada com soluções palacianas e modesta interpretação vicentina, que se generalizou nas outras edificações da Companhia de Jesus no Arquipélago dos Açores e mesmo em outros exemplares conventuais [5].

Porém, a tipologia de espaço unificado não anulou o programa de três naves nascido com a Sé de Angra, e “o novo gosto inaugurado pela Sé, será de larga progenitura em todo o arquipélago, com maior ou menor fidelidade de execução e as suas variantes de inspiração.” [5].

Durante a arquitetura chã, na ilha de São Miguel, problemas de um novo espaço e de novas estruturas surgem e no primeiro terço de setecentos, gera-se “(...) um modelo de igreja tendencialmente barroca pela planta, volumetria, organização de alçados e decoração, sem que, todavia, viesse a atingir a formulação plena e erudita do novo código, em termo de sistema construtivo” [8] cuja adesão ao novo gosto tivera no reino as suas primeiras experiências em Santa Engrácia, e é assinalado em São Miguel com a igreja paroquial de São Pedro de Ponta Delgada.

O plano da fachada, tema primordial do barroco, conserva, normalmente, promettimentos de organização maneirista popular: “São superfícies planas enquadradas por pilastras que, com cimalkhas salientes e recortadas, se configuram como retábulos de altar, tendo por remate cornija ondulante ou empena de ângulo quebrado, motivos que em todas as ilhas se justapõem. São Miguel, porém, realiza padrões de maior exuberância logrando, por vezes, valor de animação espacial em movimento contínuo, ainda que sob aparente fragmentação da unidade plástica. Utilizando o material pobre - basalto regional - o aparelho decorativo envolve os esquemas geométricos dos vãos em moldura revoltas de estilizados concheados, cartelas, entrelaços, frestões e aletas espiraladas de recorte contracurvado” [8].

Todavia, em outras localidades da ilha de São Miguel, próximas ou afastadas do principal centro da vida urbana da ilha, continuou-se a reedificar até ao século XVIII igrejas de arcaica tipologia com planta retangular tripartida sob teto de duas águas, com ou sem transepto.

Conclui-se a partir da análise efetuada aos quatro autores [2], [3], [4], [6] que estes não comungam dos mesmos exemplos de edificado religioso de “arquitetura chã” e que apenas partilham a mesma opinião em relação às catedrais de Leiria, Portalegre e Miranda do Douro, sendo Senos e Gomes mais seletivos nesta categorização.

Arquitetura chã: as igrejas da ilha de São Miguel nos Açores

É a partir desta tipologia de igrejas arcaizantes, identificadas por Sousa [5], [8] que Caldas [9], [10] ao integrar os estudos desenvolvidas pelo IAC (Instituto Açoreano da Cultura) em 2011 e 2012, relativamente ao levantamento do património imóvel dos Açores, inicia um estudo sobre a existência de uma tipologia de fachada de igreja na Ilha de São Miguel, atribuindo o conceito de “fachada barroca micaelense” [9] e de “fachada tipo micaelense” [10], a um conjunto de igrejas implantadas nos concelhos de Nordeste e da Povoação, estabelecendo o seu programa através de um tipo esquemático muito simples, de igrejas de três naves interiores com correspondência a uma fachada dividida em secções por meio de pilastras que refletem, no exterior, essa conceção espacial.

Nos seus estudos, Caldas [9], [10] estabelece de forma primária, uma síntese da composição do modelo de frontispício, que terá dado origem às inúmeras variantes que se espalham por São Miguel, aludindo a um trabalho que ainda não se encontra desenvolvido, mas que persiste na origem do modelo e quais os seus meios de transmissão e transformação dos elementos compositivos e ornamentais, de modo a entender a sua evolução semântica e formal.

Caldas [9] afirma que este modelo descende ainda do longínquo tipo mendicante, tão comum nas igrejas góticas portuguesas, desenvolvido no Continente a partir de finais do século XIII. Todavia Sousa [5] afirma tratar-se de igreja de três naves com coberturas planas de madeira, de altura desigual pouco acentuada, modelo direto da “arquitetura chã”.

Tomando por base as reflexões de Caldas [9], [10] foi possível desenvolver a dissertação de mestrado [1] que analisa e demonstra a existência de uma tipologia de fachada, através das suas semelhanças, demonstrando a existência de um protótipo, que surge na evidência dos elementos decorativos e da matriz compositiva das fachadas, que é consequência dos seus materiais e dos seus sistemas construtivos.

Deste modo, sentiu-se a necessidade de estabelecer um conceito coerente [1], desenvolvendo-se a designação de “fachada (modelo)” que se aplica a qualquer fachada de ornamentação barroca cuja matriz compositiva é de referente clássica e que transmite a noção de imagem análoga, que é consequência do seu material (material endógeno da ilha) e do seu sistema construtivo.

Vieira [1] acrescenta que a igreja com fachada modelo acompanha as várias escalas de construção que ocorrem na ilha, desde as igrejas matrizes e/ou paroquiais de três naves, às igrejas mais humildes e pequenas de apenas uma nave. Deste modo, a fachada modelo é aquela que em igrejas de três naves apresenta sempre uma matriz compositiva de três tramos, três níveis e dois entablamentos (i); ou uma matriz compositiva de três tramos, dois níveis e dois entablamentos (ii); e em igrejas de uma nave, uma matriz compositiva de um tramo, um nível e um entablamento (iii).

Tanto nos artigos de Caldas [9], [10] como no estudo desenvolvido por Vieira [1], foi possível observar que as primeiras igrejas que apresentam esta tipologia de fachada são as igrejas paroquiais de Nossa Senhora da Estrela, na Ribeira Grande e de São Sebastião em Ponta Delgada, ambas com reminiscências da igreja conventual de Nossa Senhora da Guadalupe, na Ribeira Grande, que pelas suas composições espaciais de três naves e pelas suas composições de frontispício demarcado por uma matriz de referente clássica, assinalada pelas pilastras e pelos entablamentos, e despojamento ornamental, apesar da ornamentação barroca, assemelham-se aos exemplos das catedrais identificadas na “arquitetura chã”.



Figura 2 - Igreja Conventual de Nossa Senhora da Guadalupe (esquerda), Igreja Paroquial de Ribeira Grande (centro) e Igreja Paroquial de Ponta Delgada (direita)

Fonte: [11], [7] FOTO.00982585; FOTO.01005823; DES.00016396; FOTO.01019648; DES.00016266

Igreja Conventual de Nossa Senhora da Guadalupe, na Ribeira Grande (Séc. XVII (1612-1645)):

Referência histórica do edifício - Em 1591 é concedido a Gonçalo Alvares Batateiro e sua esposa, licença de construção de uma ermida com invocação de Nossa Senhora da Guadalupe. Em 1606 é concedida licença para a fundação do convento da Ordem de São Francisco na respetiva ermida, iniciando-se em 1612 as obras de construção do convento, sendo em 1613 inaugurada a igreja e em 1645 o convento apresentava-se concluído. Em meados do século XVII, instituiu-se a Ordem Terceira da Penitência no respetivo convento, tendo sido construída uma capela que corresponde à atual nave lateral da igreja franciscana. Em 1834 após a extinção das ordens religiosas, dá-se o

encerramento e incorporação do convento nos bens da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande, ficando a igreja até 1994 aberta ao culto.

Fachada Principal - Divide-se em três tramos, três níveis e três entablamentos. O tramo da esquerda corresponde, no interior, à pequena portaria do antigo convento e o tramo central e da direita correspondem, no interior, às duas naves da igreja. O primeiro nível, o de acesso, apresenta nártex composto por três vãos em arco de volta perfeita assentes em impostas, um por cada tramo. O nártex está segmentado por uma parede que separa a entrada da portaria do antigo convento (com acesso direto ao claustro), correspondente ao arco do lado esquerdo, da zona de acesso às duas naves da igreja cujas portas estão respetivamente no enfiamento do arco axial e do arco do lado direito. O segundo nível, o da iluminação, apresenta uma janela, por cada tramo, de verga reta, ladeada por pilastras que se prolongam até ao entablamento inferior e superior. O terceiro nível, correspondente ao duplo frontão, apresentando no tramo central um óculo circular ladeado por aletas delimitadas por volutas uma por cada tramo (da esquerda e da direita) e que rematam superiormente os tramos da esquerda e da direita do segundo nível. Só o tramo central é encimado por um entablamento onde assentam outras duas volutas que elevam uma cruz e que delimitam o segundo frontão. No tímpano do segundo frontão existe uma moldura decorativa que enquadra o símbolo dos franciscanos. As pilastras e os cunhais são encimados por pináculos.

Encostada à fachada, por trás do tramo esquerdo, há uma torre sineira baixa, com dois vãos de sino em arco de volta perfeita peraltado e assente em impostas, com as ombreiras prolongadas inferiormente. A torre é rematada por uma balaustrada encimada por pináculos.

Planta - A igreja é composta por duas naves desiguais em largura e comprimento. As naves estão separadas por três arcos de volta perfeita apoiados em pilares de secção quadrangular. Ambas têm tetos em madeira e um coro alto que ocupa o espaço sobre o nártex e que, na nave principal, se prolonga sobre o primeiro tramo pelo que o primeiro arco de separação das naves é mais baixo que os restantes. A nave principal, mais larga e comprida, tem os cantos cortados, junto ao arco triunfal, cada um com o seu retábulo em talha, tendo mais um retábulo em talha em cada uma das paredes laterais, entre os respetivos retábulos existe uma porta encimada por janela. Do lado do Evangelho tem mais uma porta e ainda um púlpito cujo acesso se faz pelo piso superior do claustro. A capela-mor, muito profunda, tem a parede do fundo preenchida por um retábulo em talha. A nave lateral (espaço da antiga Ordem Terceira), mais estreita e curta, tem, na cabeceira, uma capela menos profunda cujo retábulo e arco de acesso são em talha. Na parede do lado da Epístola, próximo do arco de acesso à capela, existe um nicho preenchido por outro retábulo de talha.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Estrela, na Ribeira Grande (Séc. XVIII (1728-1736)):

Referência histórica do edifício - Entre 1507 e 1517 dá-se a construção da primitiva igreja dedicada a Nossa Senhora da Estrela, sendo mestre das obras o biscainho João de La Peña. Em 1563 um violento terramoto provoca grandes danos na igreja, obrigando a obras de reconstrução prolongadas. Em 1681 ocorre a queda da torre sobre o corpo da igreja, que a danifica quase por completo, obrigando mais uma vez a obras de reconstrução prolongadas. Em 1728 dá-se início às obras de reconstrução da igreja e da fachada, possivelmente com risco do licenciado João de Sousa, verificando-se a conclusão das obras em 1736.

Fachada Principal - Composta por três corpos, a torre à esquerda, o corpo central e o batistério à direita. A fachada do corpo central divide-se em três tramos, três níveis e dois entablamentos. Cada tramo corresponde, no interior, a uma nave. O primeiro e segundo níveis, o de acesso e o de iluminação, apresentam uma porta, por cada tramo, com verga reta e duplo lintel, encimada por uma janela, com igual configuração de verga, sendo a porta e janela do tramo central de maiores dimensões. As molduras das janelas estão ligadas às das portas, por pilastras assentes em volutas, e ao primeiro entablamento onde assenta o duplo frontão. O terceiro nível, correspondente ao duplo frontão, apresentando no tramo central um nicho, com a imagem de Nossa Senhora da Estrela, ladeado por duas janelas de verga reta e duplo lintel com molduras ladeadas por colunas torsas rematadas por capitéis coríntios e assentes em mísulas. Este tramo é ladeado por aletas delimitadas por volutas uma por cada tramo (da esquerda e da direita) e que rematam superiormente os tramos da esquerda e da direita do segundo nível. Só o tramo central é encimado por um entablamento onde assentam outras duas volutas que elevam uma cruz e que delimitam o segundo frontão. No tímpano do segundo frontão enquadra uma estrela em relevo. As pilastras e os cunhais são encimados por pináculos.

A torre sineira, de planta quadrangular e de grandes dimensões, está dividida em três níveis separados por entablamentos compostos por uma faixa com pequenos rombos em ponta de

diamante. O nível inferior da torre, corresponde aos dois primeiros níveis do corpo central, apresenta-se subdividido em três níveis, assenta numa base possante e saliente, com contrafortes inclinados nos ângulos. O segundo nível tem dois vãos de volta perfeita assente em impostas e com guardas em pedra. O terceiro nível tem, igualmente, dois vãos de sino em arco de volta inteira peraltado assente em impostas. A torre é rematada por uma balaustrada encimada por pináculos nos cantos e ao meio.

O corpo do batistério é composto por dois níveis, cada qual com uma janela de verga reta e moldura simples.

Planta - A igreja é composta por três naves, sendo a nave central mais larga que as naves laterais. As naves estão separadas por duas fiadas de seis tramos em forma de arcos de volta perfeita, apoiados em pilares de secção quadrangular. O coro alto, sobre a entrada, ocupa o primeiro tramo das naves apoiando-se em arcos mais baixos que os restantes e é um pouco mais recuado nas naves laterais. O teto apresenta-se em madeiramento e nas paredes laterais há vários altares com retábulos em talha. Perpendicularmente às naves há uma capela lateral de cada lado que, no exterior, simulam um transepto saliente. A capela-mor, com a mesma largura da nave central, é coberta por uma abóbada de berço e tem um retábulo ao fundo. De cada lado da capela-mor, no enfiamento das naves laterais, há uma capela colateral. A do lado da Epístola está coberta por uma abóbada de berço e totalmente revestida de talha. A do lado do Evangelho é iluminada por uma clarabóia situada ao centro de uma abóbada tipo barrete de clérigo.

Igreja Paroquial de São Sebastião, em Ponta Delgada (Séc. XVI (1531-1545) e Séc. XVIII (1733-1748)):

Referência histórica do edifício - Em 1531 dá-se o início da construção da igreja, pelo mestre Lupedo, vindo de Portugal Continental, no local da primitiva ermida anterior a 1504. A igreja de planta e fachada de estilo manuelina foi concluída em 1545. Em 1726 por visita do Licenciado João de Sousa Freire, foi determinada a modificação da fachada principal. Entre 1733 e 1748 procede-se às alterações da fachada, bem como do interior da igreja.

Fachada Principal - Composta por três corpos, a torre à esquerda, o corpo central e o batistério à direita. A fachada do corpo central divide-se em três tramos, três níveis e três entablamentos. Cada tramo corresponde, no interior, a uma nave. O primeiro nível, o de acesso, composto por três vãos, um por cada tramo, apresenta duas ordens de vãos. O vão do tramo central diz respeito ao portal da primitiva matriz manuelina em cantaria calcária, encimado no segundo nível duas janelas retilíneas, com moldura entre colunas torsas assentes em mísulas, as quais sustentam frisos e cornijas, coroadas por pináculos e tendo vieiras ao centro. Entre as mísulas existem elementos volutados de cantaria, criando falso avental. Os tramos laterais apresentam, no primeiro nível, uma porta em arco e com moldura formando recorte superior sobre mísulas, ladeado por duas colunas torsas e terço inferior espiralado, ricamente ornamentado. No segundo nível, o de iluminação, por cada tramo lateral abre-se uma janela igual às do tramo central. O terceiro nível, correspondente ao duplo frontão, apresenta no tramo central uma rosácea polilobada ladeada por aletas delimitadas por volutas uma por cada tramo (da esquerda e da direita) e que rematam superiormente os tramos da esquerda e da direita do segundo nível. Só o tramo central é encimado por um entablamento onde assentam outras duas volutas que elevam uma cruz e que delimitam o segundo frontão. No tímpano do segundo frontão, existe uma moldura decorativa. As pilastras toscanas e os cunhais são encimados por pináculos

A torre sineira, de planta quadrangular, está dividida em dois níveis separados por entablamento. O primeiro nível apresenta uma fresta no alinhamento do primeiro entablamento. O segundo nível tem dois vãos de sino de volta perfeita assente em impostas. A torre é rematada por uma balaustrada e por volume de construção recente, de menores dimensões, sustentando um relógio e sendo rematado com cobertura em cúpula facetada com lanternim.

O corpo do batistério é composto por um nível rasgado por janela de verga reta e moldura simples, rematado com cobertura em cúpula facetada e por plinto cilíndrico com cruz latina.

Planta - A igreja é composta por três naves, sendo a nave central mais larga e alta que as naves laterais. Esta planta diz respeito ao programa espacial da primitiva matriz gótica. As naves estão separadas por duas fiadas de sete tramos em forma de arcos de volta perfeita apoiados sobre colunas. O coro-alto de perfil contracurva está sobre as três naves. Na nave central surgem dois púlpitos confrontantes e em ambas as naves existe uma capela retabular à face e duas profundas. A capela-mor é coberta por abóbada estrelada de dois tramos, com bocetes em florões e assente em

mísulas. Lateralmente comunicava com os absidiolos por arcos apontados sobre colunelos, atualmente entapados.

Conclusão

Para os autores, Correia, Gomes e Senos [3], [4], [2] o estudo de Kubler [6] foi fundamental, para despertar a atenção e o olhar para a arquitetura portuguesa como identidade de um povo que se moldou às circunstâncias, no entanto, estes autores alertam para as incongruências do estudo de Kubler, apelando à oportunidade de futuras investigações.

Apesar da reduzida obra publicada, Sousa [5], [8] efetuou uma análise da “arquitetura chã” em território insular, patente no espólio do historiador, na Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores (Campus de Ponta Delgada), realizada aquando do desenvolvimento da investigação do seu doutoramento sobre o tema da arquitetura religiosa dos Açores com orientação do Doutor Horta Correia.

Nos Açores, “(...) o barroco foi necessidade de sobriedade ou cedência dos aspetos estruturais ao carácter decorativo”, afirma Sousa [8] sendo notória a ausência de exemplos de “arquitetura chã” em território insular, na medida em que a “arquitetura chã” estende-se no tempo e desenvolve-se em paralelo com o barroco, assumindo hibridismos.

A tipologia de espacialidade que caracteriza a igreja de “fachada modelo” [1], insere-se na tipologia de espacialidade tripartida das igrejas de três naves com cobertura plana em madeiramento com iluminação através das paredes periféricas, tipologia dominante na região centro e sul de Portugal, nomeadamente no Algarve e não diretamente na tipologia mendicante gótica onde a iluminação vem de rasgos entre os níveis diferentes das coberturas da nave principal e das naves laterais, inserindo-se deste modo as igrejas em análise na “arquitetura chã”, embora com ornamentação barroca.

No entanto, e a partir das informações recolhidas nas investigações de Sousa [12], a expressão barroca de modo geral nos Açores, salvo algumas exceções, como é o caso da Igreja Paroquial de São Pedro de Ponta Delgada ou da Misericórdia da Ribeira Grande, fica limitada aos modestos ornatos à volta das janelas e dos portais e no frontão ondulado, numa planimetria “chã” sem volumes.

Sousa [13], [14] quando relaciona e compara o gosto estético das igrejas de Nossa Senhora da Saúde dos Arrifes, com a Igreja Paroquial de São Roque ou a Matriz de Vila do Nordeste da ilha de São Miguel e até mesmo com a Matriz da Calheta da ilha de São Jorge ou da ilha da Graciosa, independentemente das diferenças de composição arquitetónica da fachadas relativamente à distribuição dos vãos, do emolduramento das vergas ondulados ou com espalmados trechos ornamentais, verifica que é comum a tipologia de programa espacial, severamente arcaizante da “arquitetura chã”.

É na Ilha de São Miguel que esta imagem de igreja tem maior presença, com mais réplicas. Todavia é nesta ilha que as fachadas das igrejas apresentam elementos diferenciadores das restantes ilhas do arquipélago daí a sua classificação de “fachada modelo” pela sua composição e pelos seus motivos barrocos. Assim, Sousa [12], [13], [14] define esta igreja com fachada planimétrica e de volumes simplificados variando nas proporções e na composição dos frontispícios, com ornamentação e composição austeras, mas com elementos ornamentais de tradição local e que apresentam resistência à organização espacial e estrutural da inovação barroca.

Em suma, será afirmativo considerar a arquitetura religiosa da Ilha de São Miguel de “arquitetura chã” ou será mais assertivo, e relembrando as alegações finais de Gomes, considerar a arquitetura religiosa da Ilha de São Miguel de arquitetura barroca chã, devido às suas ornamentações simplificadas.

Agradecimentos

A autora agradece à FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia pelo apoio à sua investigação de Doutoramento (2021. 08545.BD), na qual o presente estudo se insere.

Referencias

- [1] Vieira, Maria Antónia, “Uma tipologia de fachada na igreja micalense (1728-1882)”, Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCTE-IUL, 2019.
- [2] Senos, Nuno, “A Arquitectura Portuguesa Chã Antes e Depois de George Kubler” *Tritão - Revista de História, Arte e Património de Sintra*, no. 1, dezembro de 2012. [Online]. Available: Câmara Municipal de Sintra, <http://www.revistatritao.cm-sintra.pt>. [Accessed Jul. 31, 2022].
- [3] Correia, José, *Arquitectura portuguesa: renascimento maneirismo estilo chão*. Lisboa: Presença, 2ª edição, 2002.
- [4] Gomes, Paulo, *14,5 Ensaios de História e Arquitetura*. Coimbra: Edições Almediana, SA, 2007.
- [5] Sousa, Nestor de, *Arquitetura Religiosa nos Açores: da expressão manuelina ao “estilo chão”, III Curso de verão de história da arte, 1990 (inédito)*.
- [6] Kubler, George, *Arquitectura portuguesa Chã: entre as especiarias e os diamantes 1521 - 1706*. Lisboa: Vegas, 1988.
- [7] Sistema de Informação para o Património Arquitetónico: Fichas de Inventário [Online] [Accessed em Agos. 27, 2022].
Catedral de Leiria - IPA.00001804. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1804
Catedral de Portalegre - IPA.00003772. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1804
Catedral de Miranda do Douro - IPA.00001066. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1804
Convento de Nossa Senhora da Guadalupe - IPA.00008231. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1804
Igreja Paroquial de Ribeira Grande - IPA.00008234. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1804
Igreja Paroquial de Ponta Delgada - IPA.00008150. Disponível em:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1804
- [8] Sousa, Nestor de, “Arquitectura barroca nos Açores”, *Congresso Internacional do Barroco: Actas 2 Arquitectura religiosa - séculos XVI-XVII*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto, 1991, pp.463-482.
- [9] Caldas, João Vieira, “Pequeno ensaio sobre as igrejas de três naves do Nordeste”, *São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores*. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011, pp.25-35.
- [10] Caldas, João Vieira, “A matriz velha da Povoação e a sua fachada “micalense””, *São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores*. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012, pp.39-46.
- [11] Costa, Susana Goulart, “Museu Vivo do Franciscanismo”, *Programa Científico da Igreja dos Franciscanos da Ribeira Grande*. CHAM - Centro de História de Além-Mar, 2013.
- [12] Sousa, Nestor de, Texto manuscrito incompleto e fragmentado, sobre o Nordeste. s.d. (inédito).
- [13] Sousa, Nestor de, “Imagens dos Arrifes”, conferência realizada no salão paroquial dos Milagres, Ponta Delgada (Açores), 9 de junho de 1994.
- [14] Sousa, Nestor de, “A Vila e o concelho da Lagoa: imagens do seu percurso histórico”, conferência realizada na sessão dos Lyons Clube da Lagoa, Lagoa (Açores), 30 de abril de 1994.